

Recontando Nicéia – No Império, mas não do Império?¹

Agosto 2025 Istambul

Nosso Encontro:

Como revisitamos o primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia, 1700 anos após o evento histórico, com um espírito de honestidade, humildade e esperança? Como reafirmamos nossa fé comum expressa nas palavras do Credo Niceno (381 d.C.) em tempos que podem ser descritos como "incomuns" – quando mudanças e desafios sem precedentes marcam nossa vida juntos na Terra, nosso lar comum?

Um grupo global de gente do mundo da teologia, convocado pela agência missionária anglicana United Society Partners in the Gospel (USPG), reuniu-se em Istambul (Constantinopla) e Iznik (Nicéia) na Turquia, de 25 a 28 de agosto de 2025, para explorar essas questões e refletir sobre a influência do Concílio de Nicéia (325 d.C.) e do Credo Niceno (381 d.C.) para a fé cristã, a missão e a unidade. Os participantes eram teólogos da Índia, Canadá, Reino Unido, Zimbábue, África do Sul, Brasil, Panamá, Suíça, Sérvia, Grécia, Aotearoa Nova Zelândia, Alemanha e Estados Unidos, pertencentes às igrejas Anglicana, Batista, Ortodoxa, Reformada, Metodista, Unida e Unificadora.

Embora nosso encontro tenha comemorado o 1700º aniversário do Concílio de Nicéia, nossas reflexões não se limitaram ao evento histórico em si. Buscamos considerar Nicéia em suas dimensões mais amplas: a fé nicena, o Concílio de Nicéia e os resultados do Concílio. Por “fé nicena”, referimo-nos à afirmação da fé trinitária – confessando Jesus Cristo como plenamente divino, adorado juntamente com o Pai e o Espírito Santo – que permanece a base comum mais sólida para todos os cristãos. Por “Concílio de Nicéia”, recordamos a assembleia de 325 d.C., um evento que foi plenamente aceito por toda a Igreja apenas após um processo complexo ao longo das décadas seguintes. E por “resultados do Concílio”, reconhecemos, mais proeminentemente, o Credo que se originou em Nicéia, mas assumiu sua forma final como o Credo Niceno-Constantinopolitano em 381 d.C., juntamente com outras decisões, como a regulamentação da data comum da Páscoa e os cânones sobre a ordem eclesiástica.

Portanto, embora este relatório dê destaque às nossas reflexões sobre o Credo Niceno, permanecemos conscientes de que diferentes tradições eclesiásticas podem ler, usar ou se relacionar com o Credo de maneiras diferentes, e que as visões sobre o próprio Concílio e seu status também variam. No entanto, em todas essas diferenças, o que nos une mais firmemente é a própria fé nicena: a confissão da divindade de Jesus Cristo dentro da vida da Trindade.

Nossa revisitação à fé nicena pode ser entendida como "reconstruir o tapete teológico de nossa fé comum" (para usar uma metáfora das ilhas do Pacífico). Oração, peregrinação,

¹Um relatório reflexivo do encontro sobre ‘Reafirmando Nossa Fé Comum para Tempos Incomuns’, organizado pela United Society Partners in the Gospel (USPG) para comemorar o 1700º aniversário do primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia. Ver: <https://uspg.org.uk/news/global-gathering-reflects-on-nicaea-through-the-lens-of-empire/>

criatividade e práxis emergiram como fios importantes para essa reconstrução, à medida que reconhecemos a natureza litúrgica do Credo Niceno, realizamos uma peregrinação à antiga cidade de Nicéia (Iznik), abraçamos a criatividade como método para nossa imaginação teológica e buscamos manter juntos a ortodoxia (crença correta) e a ortopraxia (ação correta) como elementos integralmente conectados. O que marcou nosso tempo foi uma ampla diversidade de perspectivas, mas também uma profunda e crescente amizade, vida comum e um anseio compartilhado por um mundo pacífico e justo.

Nosso Foco: Império (Passado e Presente)

Reconhecemos que houve muitas iniciativas diferentes neste ano importante para refletir teologicamente sobre Nicéia. Concordamos que o que poderia dar a este encontro uma voz distinta seria refletir sobre Nicéia sob a ótica do império, que pode ser definido como “grandes conglomerados de poder, sempre em mudança, voltados para controlar todos os aspectos de nossas vidas”.

A ótica do império torna-se importante devido aos conhecidos e explícitos entrelaçamentos entre o Concílio de Nicéia e os interesses imperiais do imperador Constantino, mas também por causa dos contínuos entrelaçamentos entre igreja e império, nascidos da posterior escravização e colonização europeias de povos e terras, e das formas como, ainda hoje, a igreja e a teologia às vezes se tornam ferramentas de ambição e controle imperial. Será que aqueles que se reuniram em Nicéia conseguiram transcender os interesses imperiais, e como fazemos isso hoje? Além disso, dado que o Concílio de Nicéia e o Credo Niceno que eventualmente emergiu tinham um foco distinto em Jesus Cristo – afirmado como alguém que sofre e é morto pelo Império – que potencial subversivo esse foco, e essa compreensão de Jesus, pode ter em nosso contexto atual?

Existem muitas maneiras potenciais de ler e reler o Concílio de Nicéia e a fé nicena, mas esta reflexão concentra-se na ótica do império. Foi isso que, naturalmente, emergiu e moldou nossas discussões.

No Império: Lendo Nicéia em Diferentes Contextos

O Concílio de Nicéia foi convocado pelo imperador Constantino para responder aos desafios dentro das comunidades cristãs, com o objetivo de que a unidade dos cristãos contribuísse para a estabilidade da *oikoumene* – (o mundo habitado sob o Império Romano). Dada sua patronagem imperial, foi reconhecida a importância de explorar a relação entre o império, o Concílio de Nicéia e o Credo Niceno.

As reflexões sobre essa relação variaram. Exploramos o credo em termos do contexto histórico de Nicéia. Por que ele foi necessário? Que propósitos ele serviu?

Ouvimos que, após a recente perseguição pelo Império Romano, quando as comunidades cristãs estavam fragmentadas e divididas, o acordo sobre uma confissão comum de fé foi de importância decisiva. O Concílio de Nicéia, convocado pelo imperador Constantino, buscava estabelecer paz e reconciliação entre as partes conflitantes dentro da igreja. Essa busca pela paz foi significativa não apenas para o Império Romano e sua coesão social — a *pax Romana* da *oikoumene* — mas, mais importante, para a unidade da própria igreja.

Em Nicéia, a visão da Igreja universal foi articulada com nova clareza: una e católica, no sentido paulino de ser o corpo de Cristo (santa) e fundamentada na tradição da fé professada pelos apóstolos (apostólica). O processo conciliar — o debate, a tomada de decisões e a representação de toda a *oikoumene* cristã — foi central para essa visão. Embora o Concílio tenha servido indiscutivelmente aos interesses imperiais, seu credo e decisões foram, antes de tudo, destinados a unir a igreja em unidade de fé e vida.

Também reconhecemos a complexidade das relações entre império, concílio e credo. Nicéia marcou um ponto de virada dramático: a igreja, recentemente perseguida, agora encontrava seu lugar no coração da sociedade imperial. Essa mudança, junto com o longo e contestado processo de recepção da fé nicena, continuou a moldar visões divergentes de Nicéia ao longo da história. Para alguns, o Concílio permanece um evento providencial e sagrado que estabeleceu a verdadeira fé e garantiu a unidade da igreja. Para outros, representa o momento em que a igreja se entregou ao império e tornou-se seu instrumento.

Ao considerar seu cenário imperial, o Concílio de Nicéia não pode ser simplificado como um episódio de gerenciamento imperial do cristianismo. Embora tenha ocorrido dentro da ampla mudança constantiniana, o próprio concílio testemunhou a agência da igreja, sua integridade teológica e capacidade de resistir à cooptação imperial. Convocado por iniciativa episcopal, que foi assumida pelo imperador Constantino, ele se esforçou para articular a verdade doutrinária em vez de compromissos imperiais, e seu legado foi repetidamente contestado ou ignorado por imperadores do século IV que buscavam harmonia em vez de ortodoxia. O pragmatismo de Constantino, sua posterior reabilitação de Ário e as campanhas coercitivas de Constâncio II contra a fé nicena demonstram que ela frequentemente estava em desacordo com as estratégias imperiais.

Além disso, a memória do sofrimento de Cristo sob o governador romano Pôncio Pilatos, preservada no Credo Niceno, sugere a consciência duradoura da Igreja de sua vulnerabilidade diante — e resistência a — o poder imperial. Portanto, pode-se argumentar que a ideia de Nicéia, conforme estabelecida pelos defensores da fé nicena na segunda parte do século IV, não representou o triunfo do império sobre a Igreja, mas um momento em que a Igreja se definiu contra a lógica imperial. Sua confissão, enraizada na busca pela verdade em vez da conveniência, e promovida contra os interesses imperiais ao longo do século IV, desafiou a tentativa do império de usar o cristianismo para unidade, mostrando que a autoridade da fé repousa não no veredicto dos imperadores, mas no discernimento da Igreja.

Embora essa visão tenha sido compartilhada, também houve entre nós aqueles que questionaram o quão bem-sucedida a igreja realmente foi em se posicionar e sua fé de maneira que não pudesse ser cooptada pelo império. Reconhecemos que as tentações de conluio são fortes, que o próprio Credo Niceno pode ser lido de diferentes maneiras e, de fato, que ele foi, em algumas circunstâncias, interpretado para fornecer suporte a impérios ou objetivos imperiais. Se um texto carrega consigo a história de sua própria interpretação, então o Credo Niceno não é simplesmente um texto inocente, independentemente do que alguns de seus leitores originais ou posteriores possam sugerir. Isso buscamos interrogar em um espírito de abertura e unidade.

Ao considerar a história de recepção do Credo Niceno, embora possa ser possível reconhecer que houve uma radical inclusividade subversiva no próprio Credo Niceno (veja mais adiante reflexões detalhadas sobre a teologia do Credo), não podemos deixar de ver que, ao longo dos séculos e milênios, os poderosos conseguiram subverter o subversivo. A fé cristalizada em Nicéia "transformou-se" em uma declaração colonial e colonizadora que desumanizou o povo de Deus e desmembrou a criação de Deus ao longo dos anos. Isso abriu caminho para conceder superioridade e status privilegiado a grupos seletos que quase conseguiram atribuir a si mesmos um status divino, algo que (argumentavelmente) foi profeticamente e de maneira não violenta resistido e subvertido em Nicéia.

Perspectiva Wahine Maori

De uma perspectiva Wahine Maori, ouvimos como o Credo Niceno é entendido não apenas como uma declaração teológica, mas também como um veículo que outrora serviu para consolidar o poder colonial ao substituir as compreensões Maori do divino (*Wahine Maori atua*) e a espiritualidade Wahine (*Wairua*) pela doutrina cristã ocidental, que tratava formas não patriarcais de compreender Deus e espiritualidades que afirmam a criação como inferiores e subordinadas. Isso nos ajudou a entender como o Credo Niceno foi usado para avançar e impor certas imagens e características de Deus que foram prejudiciais a muitas vidas, culturas, espiritualidades e à própria mãe Terra.

Foram levantadas questões sobre como os credos têm o potencial de mascarar diferenças fundamentais para apresentar um tipo de unidade superficial. Um exemplo desse mascaramento pode ser encontrado no contexto do apartheid na África do Sul, onde tanto o estado do apartheid quanto os negros que ele oprimia, detinha e matava reivindicavam a mesma fé. As seguintes palavras do *Kairos Document* de 1985, cujo 40º aniversário comemoramos este ano, capturam esse dilema:

"Tanto opressores quanto oprimidos reivindicam lealdade à mesma Igreja. Ambos são batizados no mesmo batismo e participam juntos da partilha do mesmo pão, do mesmo corpo e sangue de Cristo. Lá estamos, sentados na mesma Igreja, enquanto fora, policiais e soldados cristãos estão espancando e matando crianças cristãs ou torturando prisioneiros cristãos até a morte, enquanto outros cristãos ficam de lado e suplicam por paz."

Se o reconhecimento de nossa fé compartilhada não levar a uma maior investigação da violência que foi realizada em nome dessa fé através da conivência e cumplicidade, então ela simplesmente desempenha o papel de encobrir essas injustiças.

Credos e Uniformidade

Sob uma lente anti-imperial, também questionamos se credos, em geral, são meios para impor uniformidade a uma fé diversificada em nome da unidade, com a intenção de dominação e controle. O poema abaixo, escrito por uma das participantes, nos convida a refletir sobre algumas das maneiras potencialmente prejudiciais pelas quais os credos podem funcionar dentro das tradições de fé, fechando espaço para diálogo, questionamento e processo:

Sobre Credos

Sempre fui desconfiada de credos
Declarações calcificadas de crença
Trancadas, carregadas e recitadas
Deixando pouco tempo ou espaço para respirar
Para questionar
Para duvidar
Para lutar
Para tocar a ferida e determinar se é real ou não
Tudo parece um pouco limpo e controlado demais
Para ser reivindicado em nome
Daquele que veio para a liberdade.

Em um contexto onde impérios tendem a impor uniformidade como meio de controle e dominação, tais suspeitas sobre credos parecem naturais.

Embora reconhecendo que a maioria das comunidades cristãs continua a declarar fidelidade ao Credo Niceno, reconhecemos que a fé nicena afirmada nas palavras do Credo muitas vezes foi mantida ao lado de crescentes desigualdades e injustiças, conflitos violentos e preocupante indiferença ao sofrimento das comunidades que já experimentam as consequências da emergência climática. Em contraste com uma leitura positiva do Credo Niceno, nosso contexto falha em afirmar a igualdade de todas as pessoas e continua a violar a mãe Terra. Foram expressas raiva, tristeza e frustração sobre as maneiras pelas quais a fé pode ser distorcida e instrumentalizada por forças imperiais, seja no terceiro século ou no século XXI. Em meio a tudo isso, perguntamos – “como podemos re-receber o Credo Niceno hoje?”

Mas Não do Império: Re-recebendo o Credo Hoje

Nossas conversas nos levaram a ver que a fé nicena pode ser vivida de uma maneira profundamente subversiva ao império. E abrimos a possibilidade de escolher (re)ler o Credo Niceno através dessa lente. Sob essa perspectiva, apontamos as seguintes maneiras pelas quais o Credo Niceno pode ser re-recebido hoje:

Abraçando a Vida

Impérios, por natureza, são geradores de morte. O potencial criativo do Credo Niceno para abordar qualquer contexto ou projeto imperial reside em seu foco central no Deus Triuno, que é o Deus da Vida. Prestar atenção ao Credo Niceno pode revelar uma narrativa intrínseca de vida. Deus é afirmado no Credo como “criador do céu e da terra” (criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis no Credo de Nicéia 325), Jesus é afirmado como aquele por meio de quem “todas as coisas foram feitas”, e o Espírito Santo é afirmado como o “doador da vida”.

O Deus Triuno que afirmamos em termos trinitários abrange e abraça a ampla rede da criação além dos humanos e nos protege de uma maneira antropocêntrica e paroquial de imaginar o divino. Essas afirmações de fé atestam e apontam para uma visão de salvação

que é cósmica em alcance, direcionando nossa fé tanto para a vida neste mundo quanto para a “vida do mundo que virá”.

Em um mundo marcado por uma cultura e “política da morte” (*necropolítica*), esse impulso centrado na vida no credo oferece uma contra-narrativa ao discurso dominante do capitalismo e do consumismo que explora os pobres e marginalizados e seu ambiente. Como deixamos nossa fé nesse Deus da vida moldar nosso engajamento com um mundo que continua enfrentando o ataque do “império” – onde a religião é instrumentalizada para usurpar poder, minar a pluralidade e consolidar privilégios – é um desafio para o discipulado cristão hoje.

Fortalecendo a Fé

Os impérios prosperam por meio da imposição de uniformidade e dominação. Afirmar a natureza trinitária de Deus, como expressa no Credo Niceno, nos protege de imaginar e nos relacionar com o divino de maneiras monolíticas. Em vez disso, isso nos liberta para reconhecer e abraçar a multiplicidade e a pluralidade ao falar com e sobre Deus, de maneiras que podem desafiar preconceitos culturais, conceituais e linguísticos.

Sob essa perspectiva, aprofundar nossa fé cristã em diálogo com a espiritualidade e a sabedoria indígenas, que muitas vezes foram suprimidas pelo colonialismo, é importante. Esse aprofundamento em um espírito de diálogo pode (re)orientar-nos para o evangelho cristão de formas inesperadas. Durante nossas conversas na Turquia, aprendemos como a sabedoria indígena abre possibilidades de compreender Deus tanto como Pai quanto como Mãe, estando em equilíbrio e interconectado com toda a criação, e de teologias que são libertadoras, vivificantes e profeticamente desafiadoras a qualquer cultura onde o império continua a florescer em qualquer uma de suas muitas formas.

Ouvimos, por exemplo, como para o povo Guna do Panamá, essa divindade se manifesta na unidade de *Nana* (Deus Mãe) e *Baba* (Deus Pai), cujo *Nabgwana* (coração compartilhado) é a Mãe Terra. A afirmação do Credo Niceno de um Deus, o Pai todo-poderoso e criador, é ainda mais iluminada pela compreensão Guna do papel do Espírito na criação. Essa dualidade divina reflete a complementaridade e a interdependência de todas as coisas no universo, iluminadas pelo Espírito Santo, que reside em cada canto da criação. A presença do Espírito transforma a criação em um tecido sagrado, revelando a natureza divina inerente a todas as coisas. Isso abre uma nova forma de compreender Deus e a criação pneumatologicamente – por meio do Espírito Santo.

Sob essa perspectiva, um dos participantes compartilhou a seguinte afirmação de fé Guna, que celebra um Deus da vida cuja própria essência está entrelaçada com a criação:

Credo da Vida Entrelaçada

Nós acreditamos na Vida que emana da Mãe Terra, *Mangwana*, uma fonte de sabedoria ancestral que nos une.

Em comunidade, comunhão, reciprocidade, mutualidade e solidariedade, manifestamos o tecido vivo de nossa fé.

Nós acreditamos que o Sopro do Espírito reside em cada ser vivo, o sopro sagrado do Criador, revelando a divindade inerente que habita em cada canto do cosmos.

Nós acreditamos na *Nega*, nosso lar sagrado, onde a Presença divina persiste, um farol de esperança e renovação, mesmo na sombra do pecado. Nós acreditamos na promessa de um futuro onde a vida floresça em harmonia, guiada por *Nana* e *Baba*, onde a sabedoria da Terra se entrelaça com a justiça que emana da vida e dos ensinamentos de Jesus, um caminho para a plenitude.

De forma complementar, outra participante destacou como o retorno ao grego original do Credo (a língua comum da época) pode oferecer interpretações bem diferentes de algumas traduções imperiais dominantes e, portanto, nos ajudar a reler imagens predominantes de Deus contra a corrente. Um exemplo é como a palavra *pantocrato** pode ser entendida como “aquele que sustenta todas as coisas” (como alguém pode segurar um bebê), oferecendo uma visão de Deus não como um imperador todo-poderoso, mas como uma Mãe/Pai terno(a). Estar aberto a esses impulsos teológicos é uma maneira de ir além de formas profundamente enraizadas de imaginar o divino, que muitas vezes foram usadas para reforçar e replicar desigualdades e divisões existentes.

Incorporando Justiça

Outra maneira importante de re-receber Nicéia hoje seria buscar encarnar a práxis de Jesus – a justiça de Deus – em nosso testemunho cristão. O Jesus que emerge no Credo Niceno é aquele que possui potencial subversivo para superar o império.

O Credo Niceno afirmou que é Jesus quem é “da própria essência de Deus” e, ao fazê-lo, desafiou a imagem do imperador como uma divindade. Definir a relação entre a primeira e a segunda pessoa da Trindade (Deus e Jesus Cristo) como “sendo da mesma substância” (**homoousios**) merece atenção especial. Embora os interesses imperiais pudessem conceber a segunda pessoa (Jesus) em termos de imagens dominantes da primeira (o Pai/Criador), um olhar mais atento à segunda pessoa pode desafiar e remodelar imagens dominantes de Deus.

Lido sob uma lente anti-imperial, o Credo pode ser reinterpretado da seguinte maneira:

- A simples, mas poderosa frase “um só Senhor” transfere a lealdade final de César para o crucificado e ressuscitado *Kyrios*;
- **Homoousios** abole qualquer hierarquia de divindades menores modelada na hierarquia imperial;
- “desceu... foi encarnado... foi crucificado sob Pôncio Pilatos” inscreve vulnerabilidade e violência estatal no núcleo do Credo;
- O “reino sem fim” relativiza todos os regimes;
- O Espírito, “que falou pelos profetas”, instala no Credo um critério perpétuo para criticar o poder idólatra, incluindo formas eclesiais.

O que importa no Credo Niceno é que é Jesus quem é da mesma essência que Deus e que nele, em sua vida, morte e ressurreição, vemos a própria natureza de Deus. Jesus viveu

entre nós em solidariedade com as multidões, como alguém explorado pelo império, resgatando o poder subversivo de lavar os pés como faria uma mulher escravizada, proclamando boas novas aos pobres em vez de caridade, desafiando os ricos e chamando-os ao arrependimento, e morrendo a morte torturante daqueles que ousaram contradizer o Império Romano. Ressuscitado e ascendido, ele ainda carrega as marcas de seu sofrimento, que simbolizam sua resistência, levando toda a vida humana para a presença mais profunda de Deus, em alegre esperança.

Aquele que nos salva, assumindo toda a humanidade, confronta e encerra o poder do império e atrai a maioria da humanidade, aqueles que anseiam por alternativas a partir das margens, para um reino renovado e redimido. Essa compreensão da fé nicena nunca foi a dominante, mas sempre houve entre os fiéis, desde Nicéia, aqueles que reconheceram o potencial muito subversivo e, de fato, anti-imperial, e, portanto, vivificante, da declaração de fé que começou a tomar forma em Nicéia.

Em Conclusão

Ao comemorarmos o 1700º aniversário do Concílio de Nicéia neste ano, nosso encontro nos ajudou a reconhecer que o convite para reafirmar nossa fé comum em tempos incomuns é um que não pode ignorar a questão do império – tanto do passado quanto do presente. Refletindo sobre o Concílio de Nicéia, o Credo Niceno e a fé nicena através da lente do império, não podemos deixar de lamentar que aspectos de nossa fé cristã tenham, às vezes, sido cooptados pelos poderosos para servir aos seus interesses. Nossa ordem mundial atual pode ser um desses momentos, onde parece que vivemos em um contexto em que:

- A afirmação da fé em Deus como criador parece andar de mãos dadas com a tentação de "brincar de Deus" ao saquear o planeta e seus povos;
- A afirmação de que Jesus foi crucificado pelo império não nos impede de resistir suficientemente aos impérios que continuam a crucificar inocentes; e
- A afirmação de que o Espírito Santo falou pelos profetas não nos leva a ouvir as vozes proféticas de protesto em nosso meio.

No entanto, tempos como estes nos convidam a redescobrir e re-receber a promessa que o Credo Niceno oferece de formas renovadas – a promessa de vida, que está entrelaçada na própria essência de Deus, cuja natureza é solidariedade.

Ao refletirmos sobre re-receber o Credo Niceno, pode ser útil lembrar que, muitas vezes, o Credo Niceno é ouvido dentro da liturgia como obra do povo, como um momento em que são as vozes de todas as pessoas batizadas que são ouvidas, e não apenas as lideranças da igreja, nem os governantes deste mundo. Quando a fé é verdadeiramente compartilhada entre toda a comunidade, a declaração dela em conjunto pode se tornar uma expressão inspiradora de fé comum, confiante e corajosa – que tem o potencial de nos unir em solidariedade e nos libertar para a justiça.

Essa solidariedade pode nos permitir sonhar e trabalhar por um mundo onde o amor constante e a fidelidade se encontrarão, e a justiça e a paz se beijarão (cf. Salmo 85:10).

Confiantes nessa esperança, todos podemos verdadeiramente afirmar que, embora o Credo Niceno (e nós mesmos) possamos estar no império, não somos do império.